

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Imagine Me Gone*

Autor: *Adam Haslett*

Copyright © 2016 by Adam Haslett

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Manuel Alberto Vieira*

Revisão: *Diogo Maria Pessoa/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Nikki Smith/Arcangel Images*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.<sup>a</sup> edição, Lisboa, setembro, 2017

Depósito legal n.º 430 099/17

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

## Alec

Ao sair da cabana, a brancura cegou-me. O pátio revestido de neve fulgia sob o sol pleno. Pingentes de gelo alinhados no telhado gotejavam. Os abetos, que haviam permanecido imóveis e negros contra o céu cinzento, pareciam ter recuperado a vida, verdes e húmidos à luz regressada. As pegadas que Michael e eu deixáramos no caminho nevoso começavam a dissolver-se, diluindo-se nas lajes em ovais. Pela primeira vez desde que chegáramos, distingui gravilha por baixo do rasto por nós desenhado na rampa de entrada. Durante semanas, fizera-se sentir um frio glacial, mas um degelo de dezembro acabava de chegar. Não tinha noção exata do dia, nem da hora, apenas sabia que o meio-dia já teria passado há muito.

Do lado oposto da estrada estava a carrinha de caixa aberta do jovem pescador de lagostas. Água castanha escorria da imundície envolta em gelo, incrustada na parte inferior da carroçaria. Através de uma cúpula de neve que derretia, divisava-se a lona vermelha que lhe cobria a pilha de lenha. Na encosta, no telhado da sua pequena Cape<sup>1</sup> de cor branca, fumo elevava-se da chaminé, adentrando o mais absoluto azul.

Tinha de telefonar à minha irmã. Tinha de contar-lhe o que acontecera. Já haviam passado horas e ainda não falara com ninguém.

---

<sup>1</sup> Estilo de casa que remonta à Nova Inglaterra do século XVII. Larga e baixa, tipicamente com um piso e meio de altura, tem como traços arquitetónicos mais característicos a simplicidade das linhas, a inclinação acentuada do telhado e uma grande chaminé central. (NT)

Comecei a caminhar em direção à vila, passando pelas casas de campo destinadas à época estival, agora fechadas, e pelas casas dos idosos casais de reformados com os seus alpendres envidraçados e as suas lâmpadas acesas todo o dia por trás de cortinados de chita. No frio intenso, a caminhada teria sido silenciosa. Mas agora conseguia ouvir o ribeiro correr através do bosque, e por baixo da estrada, desaguando na praia rochosa. Conseguia ouvir os grasnidos das gai-votas, e até mesmo o fio de água na base dos amontoados de neve, cada veio a arrastar consigo uma linha de sal seco no pavimento.

Queria ouvir a voz de Seth. Queria ouvi-lo descrever-me o seu dia, ou simplesmente o que comera ao pequeno-almoço, e ouvi-lo falar-me dos planos que tinha em mente para o meu regresso. Poderia então dizer-lhe que agora não haveria nenhum problema, que poderíamos estar juntos sem interrupções. Mas tão-pouco reunira coragem para lhe ligar.

A partir do momento em que falasse, passaria a ser verdade.

Prosegui a marcha, com o fecho do casaco aberto, sem chapéu nem luvas, o calor do Sol quase suficiente para me manter quente. Por esta altura, a minha irmã já estaria acordada, seguiria a bordo de uma carruagem em São Francisco a caminho do gabinete, ou já teria chegado ao destino. A minha mãe estaria a fazer recados ou a almoçar com uma amiga, ou simplesmente a caminhar neste clima esplêndido, imaginando, preocupada, como estaria a correr a minha estadia com Michael aqui no Maine, perguntando-se quanto tempo deveria esperar antes de fazer um novo telefonema.

No cruzamento com a estrada principal que desembocava na vila, deparei com a antiga igreja batista. Dos vitrais altos ao longo da nave irradiava uma fulgência vermelha e cor de laranja, como se a luz proviesse do interior. Olhar para o campanário revestido de ripas brancas contra o brilho do céu era quase doloroso. Perguntei-me se o pescador de lagostas e a mulher viriam aqui. Ou se ele frequentara o espaço em criança na companhia do pai, ou do avô, ou se sequer ia à igreja.

O som que produzira, o do corte de lenha na rampa de acesso à sua casa, bulira com os nervos de Michael. O ritmo pausado das rachaduras. Fizera-o levantar-se do sofá e aproximar-se da janela da sala de jantar, para observar e murmurar entredentes as suas pragas.

«Porque é que aquele som deixara de provocar esse efeito?», pensei, no sonho acordado do momento, no estado irreal de ainda ser o único a saber. «Porque é que aquele som não convocava Michael uma vez mais? Não o irritava, não lhe feria os ouvidos. Porquê? Que tipo de pessoa seria eu se não tentasse pelo menos reclamar o seu regresso?»

Impelido pela possibilidade de recomeçar o dia, dei meia-volta e comecei a caminhar em passo acelerado na direção de onde viera, ao longo da apertada estrada que descia até à linha da costa, subindo em seguida pela pequena ladeira até à zona onde o terreno era mais elevado.

A princípio, julguei que a minha mente estaria a pregar-me uma partida quando fiz a curva e vi o pescador de lagostas — era apenas um par de anos mais novo do que eu — atravessar o pátio frontal da sua casa no seu casaco e boné *Carhartt*. Comecei a correr na sua direção, pensando que desapareceria caso não chegasse até junto dele a tempo. Mas, em vez disso, estacou a alguns metros da rampa de entrada e manteve-se de olhos postos em mim enquanto me acercava da sua carrinha de caixa aberta. Quando a alcancei, encostei uma mão à porta da caixa, para me equilibrar.

No mês que ali passáramos, nem Michael nem eu lhe dirigíramos uma única palavra.

Permanecemos na mesma posição por um momento, frente a frente. Os braços pendiam-lhe ao longo do corpo. O seu rosto barbado mantinha-se estranhamente imóvel.

— Posso ajudá-lo? — perguntou, num tom lento e desconfiado que transformava a pergunta numa espécie de ameaça.

Fiz um gesto com a cabeça, na direção da cabana. — Estou hospedado ali.

— Eu sei — disse. — Já vos vi aos dois.

«Aproxime-se», senti vontade de dizer. Precisava dele a uma distância que me permitisse bater-lhe. Ou cair-lhe nos braços.

— Aconteceu uma coisa — disse eu, em voz alta, pela primeira vez. — Tem a ver com o meu irmão.

«Aproxime-se. Por favor, aproxime-se.» Mas não o fez, permaneceu estático, de olhos semicerrados, sem saber ao certo o que fazer ou esperar.

## Michael

Olá. Chegou à caixa de correio de voz do Dr. Walter Benjamin. De momento não me encontro no consultório. Se é um dos meus pacientes, por favor deixe o seu nome, uma mensagem muito breve e o número de telefone, mesmo no caso de achar que já o tenho, para se acautelarem eventuais problemas de natureza prática. Devolver-lhe-ei a chamada assim que me for possível. Por favor, tenha em conta que estou ausente do consultório às sextas, sábados, domingos, terças, quartas e quintas, e que todas as mensagens deixadas nesses dias serão respondidas na segunda-feira seguinte.

Se se tratar de uma emergência, e por acaso tiver ido de férias com o seu irmão mais novo na esperança de finalmente ser capaz de desviar os seus olhos das cenas que tem contemplado fixamente ao longo de toda a vida, mas em vez disso as suas asas foram apanhadas em pleno voo por uma tempestade proveniente do paraíso, não lhe permitindo ver outra coisa que não os destroços do passado a acumularem-se diante de si, como uma única catástrofe, sem futuro, nesse caso, por favor desligue e contacte o meu serviço de atendimento personalizado.

Por fim, se está a contactar-me para eu lhe passar uma nova receita de um fármaco necessário à sua sobrevivência, e tem algum receio de que o seu pedido não chegue a mim atempadamente, e se lhe parecer provável que as palavras que está prestes a deixar nesta máquina sejam as últimas que pronunciará, nesse caso, por favor interiorize que o seu esforço foi de facto imenso e que amou a sua família tão profundamente quanto lhe foi possível.